

Textos 2007-2009

Caio Bruno

2007 – 2009

Neste período que coincide com boa parte da faculdade e dos primeiros dois anos fora dela, os textos mudam.

Saem os textos de amor juvenil e entram artigos e crônicas sobre assuntos diversos, vale destacar a “cobertura” do escândalo do mensalão em 2005 e da Copa do Mundo de 2006. A partir de 2005, optei por classificar em texto pelo seu tipo (Poesia, Crônica, Política, etc.) para facilitar.

Caio Bruno

Conheça mais em: www.caiobruno.com.br

Vamos receber mais um participante - Relato pessoal (17/09/2007)

A inscrição

No começo do ano vigente, em uma bela tarde, dessas que a gente fica na internet por falta de opção, resolvi entrar no site do SBT. Uma página até que bem feita, com hotspots sobre os programas e aquelas coisas básicas de uma emissora de televisão (exceto a programação do dia, que lá inexistia).

De repente, um link me atraiu: “Participe de um programa estilo Céu é o Limite e ganhe dinheiro”. Bem, eu como velho ‘televino’ que sou já conhecia o tal programa e me inscrevi. O assunto que escolhera? “História da TV”, óbvio.

A entrevista frustrada

Dias, semanas e meses se passam até que numa tarde burocrática de julho eu recebo um telefona no celular - Alô Caio?

Aqui quem fala é a diretora do programa '21', você se inscreveu no começo do ano né? Tem como vir aqui no SBT no sábado pra gente bater um papo?

Claro que tinha. Iria realizar o sonho de conhecer a emissora que sempre gostara desde infância e por tabela, o dono dela, uma figura que habita o domingo e o subconsciente coletivo do brasileiro há 45 anos, pelo menos.

No sábado marcado fazia um tempo nublado, e com uma carona, cheguei a Osasco onde fica a sede da emissora. Aquele lugar era enorme e vazio. Vazio, pois num sábado de manhã pouca gente trabalha, convenhamos. A entrevista com a diretora do programa não foi das melhores. As perguntas estavam desconexas e ela falou que iria me chamar de novo. Ali senti o baque. “Não vou participar”, pensei.

Pensei errado.

Sabidamente reparei em uma lousa branca que havia na sala da diretora com algumas anotações e uma delas era: “Temas a serem procurados: ‘Tim Maia, Tom Jobim, Roberto Carlos etc. ...’ Como é? Roberto Carlos? Quem me conhece sabe que sou fã do cara, tenho dezenas de CDs e livros (o proibidão inclusive).

Responder sobre ele seria uma boa. Bem, na segunda seguinte mandei um e-mail a eles: “Tá difícil falar sobre TV? Não tem problema, eu falo sobre Roberto Carlos”.

A primeira ida

Horas depois deste e-mail, me ligam de lá. É a mesma diretora do programa que falara comigo antes e dizia que tudo estava ok e que dali a uma semana eu participaria do programa. Um carro do SBT passaria pra me pegar às 6 DA MANHÃ. Nessa hora, eu travei. Iria conhecer o ‘homem’. Não só conhecer, mas participar de um programa dele. Nessa hora, em um arroubo de prepotência eu pensei. ‘Vou participar do programa mais antigo da TV Brasileira. Entrarei para a história’.

Um dia antes da data combinada, o telefone tocou novamente:
– Oi Caio, gostaria de confirmar com você amanhã, ok? Leve 2 mudas de roupa para as gravações e venha sem perfume porque o Seu Sílvio é alérgico.

A quarta feira mal amanhecera e eu já estava acordado. Banho tomado, barba feita e roupa passada. O carro da emissora do “Bozo” passou 20 minutos antes do previsto. Sem problemas. Desci e para minha surpresa havia mais alguém no carro além do motorista. Era uma ‘colega de trabalho’ daqui de São Bernardo também. Ela iria participar pela segunda vez do programa e já me dava uns toques de como era lá. Conversando com o motorista e com ela, me acalmei um pouco. Um pouco.

Chegando ao Sistema Brasileiro de Televisão, fomos a um camarim com mais uns 8 participantes. Um belo café da manhã nos esperava e eu, ansioso que só, comia feito louco e me entupia de café. Para meu desespero, o botão da minha calça caiu. Desespero pra quê? Uma senhora simpática que trabalha lá costurou pra mim. Ao mesmo tempo, em que as ‘telemoças’ e o Roque chegaram. Logo logo o ‘patrão’ daria as caras também. Muito bem. Depois de um par de horas de espera, vamos lá. Nos colocam crachá, microfone, mandam a gente ir conhecer o estúdio e maquiar.

No fundo se ouvem as colegas de trabalho respondendo às brincadeiras de Senhor Abravanel. O show vai começar.

Agora é hora de alegria

A produtora de palco nos coloca em um camarim em frente ao de Sílvio e do lado do estúdio. “É o camarim que o Gugu usa”, nos diz uma produtora. Mais uns minutinhos de espera e eu resolvo ir ao banheiro. Na hora em que estou lavando as mãos, ouço uma voz familiar passando pelos corredores. Aliás, familiar não. Mais que familiar. Uma voz encravada no cérebro de qualquer brasileiro com TV em casa desde 1962. Saio do banheiro e me deparo com aquela figura cumprimentando um a um de nós. É impressionante.

É como ver um holograma. Cabelos cuidadosamente pintados, um belo terno e camisa em tom de azul, o microfone chumbado no peito e a voz inconfundível perguntando quem nós éramos sobre o que íamos falar e nos desejando boa sorte.

A hora que cumprimentei Silvio Santos me veio a cabeça as mais remotas lembranças dele.

Desde quando era pequeno e assistia ao 'Show de Calouros' na casa de minha bisavó, até as tardes na 'Porta da Esperança', os finais de domingo no 'Topa Tudo Por Dinheiro', da minha vibração no carnaval, do meu nervosismo em seu sequestro enfim, de tudo. Realizei um sonho. Que vibração! Que carisma! Sílvia nos cumprimenta e vamos ao estúdio. Onde ele, antes de entrar no ar, apresenta ao auditório cada um de nós.

O mais interessante é como SS conduz o auditório. Um verdadeiro animador e olha que a faixa etária presente era baixa. Em sua maioria jovens de 15 a 25 anos, assistindo a mais um programa de um senhor de 76. Meu nervosismo era nítido e foi comentado por todos. É impressionante o quanto o 'homem do baú', entende de televisão.

Ele sabe conduzir o programa o tempo correto para ir ao ar. Um craque! Eu participei de 3 programas, e ganhei um dinheiro. Claro perdi na roleta por falta de sorte, acertei todas as perguntas, mas está valendo.

O fim

Na volta, cumprimentos e lamentações entre os participantes. A produção do programa realiza algumas funções burocráticas e logo os carros estão a nosso dispor. É hora de voltar. É hora de sair do universo do SBT e do universo de peões, roletas, carnês e sorrisos. Fui embora com a nítida impressão de que realizei – repito – um sonho.

Conhecer a minha emissora preferida de infância e o meu ídolo máximo na TV e na comunicação.

“A Favorita”: a melhor novela dos últimos tempos – Artigo (08/01/2009)

Toda novela das 20h (o termo aqui é só por costume, ultimamente elas começam quase às 21h30) gera discussão. Faz sucesso. Vira capa de revistas e as músicas tocam incessantemente nas rádios. Sempre possuem um núcleo de humor e bordões que caem na boca do povo. Como diria o magistral Sinhozinho Malta, tô certo ou tô errado? Errado. “A Favorita”, a atual dona do horário foge de alguns desses clichês baratos, como apelar para “quem matou quem”, bordões e núcleos de humor.

A trama de João Emanuel Carneiro, é um thriller policial maravilhoso, criativo. Sem a falta de imaginação que perdura nas novelas há muito tempo. A história de Flora e Donatela é revolucionária. A vilã não passa de uma perturbada mental que ama a mocinha, uma psicopata que mata tudo e todos a sangue frio. A maioria das personagens não são nem 100% bons e nem 100% ruins. Existe um quê de bondade e maldade em cada um.

O elenco é formidável. Patrícia Pillar está deliciosamente perversa como Flora. É o destaque do ano. Claudia Raia, impecável como Donatela, aquela que todos achavam no começo da novela que era a assassina. Mariana Ximenes, apesar de fazer uma personagem 10 anos mais nova que ela, está perfeita. Destaque também para Murilo Benício, como o malandro Dodi.

Ah! E é sempre bom ver Tarcísio, Glória, Mauro Mendonça e o grande Ary Fontoura. A velha guarda é fundamental. Só pelo fato de não apelar para personagens engraçadinhas, bordões e o medonho “quem matou quem?”, “A Favorita” já merece menção. Pela ousadia de revelar o grande mistério da novela no capítulo 60 (com 3 meses de exibição) então? Merece louvor!

E o que dizer do trabalho de produção da Rede Globo? Não é a toa que ela é...bem, a Rede Globo!

A trilha sonora, a luz, a fotografia. Vejam, por exemplo, a cena do reencontro de Flora e Donatela em um teatro abandonado exibida ontem e hoje? Aquilo é cinema puro!

O jovem JEC (o autor), em sua terceira novela, escreveu logo em sua primeira trama em horário nobre, uma história bem amarrada e bem fundamentada. “A Favorita” é a melhor novela que vi nos últimos 10 anos ou mais. Mas para não ser injusto, com “Torre de Babel” (1998), que também foi boa, do maravilhoso Sílvio de Abreu vou me ater de 1999 pra cima.

Tanto novela quanto autor já marcaram presença na história recente da TV. E depois da semana que vem no lugar de “A Favorita” estreia “Caminho das Índias”, de Glória Perez. E Glória Perez é Glória Perez, né? Clichês, polêmicas provocadas, bordões que grudam e toda aquela canastronice habitual.

Espero estar enganado, mas...

O que sobrou do porão – Jornalismo

(04/03/2009)

Cravada entre as belíssimas estações da Luz e Júlio Prestes, no centro de São Paulo, existe um bonito e antigo prédio (foto acima) avermelhado, com vitrais antigos e muito bem cuidado. Projetado por Ramos de Azevedo (o mesmo arquiteto, que entre outras coisas, desenhou o Teatro Municipal) em 1910 o edifício foi por muitos anos o DOPS (Delegacia da Ordem Política e Social), um dos principais centros repressores da ditadura militar (1964-1985).

Para lá eram mandados todo e qualquer tipo de “subversivo”, que na maioria das vezes sofriam torturas mentais e físicas, além de uma parcela deles “desaparecerem” até hoje. Durante os anos de chumbo o DOPS teve como estrela maior o Delegado Sérgio Paranhos Fleury (morto em estranhas circunstâncias em 1979) e foi dirigido em sua fase final pelo então Delegado Romeu Tuma (o mesmo que hoje é senador).

O Prédio

Desde 2007 sob a chefia da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo,

o prédio foi todo reformado e passou a abrigar a “Estação Pinacoteca”. Nada mais que um espaço para obras de artes e exposições. Assim como a Pinacoteca do Estado, que por sinal fica ali perto.

Porém, o governo teve o cuidado de reservar um espaço no térreo para criar o “Memorial da Resistência”, que nada mais é do que alguns painéis explicando a utilização do prédio, uma retrospectiva do finado Dops (extinto em 1983) e o único espaço que não foi reformado do prédio. Um corredor com quatro celas utilizadas pela repressão para prender e torturar.

As sobreviventes

Este corredor é a parte mais tenebrosa do edifício. Que não lembra em mais nada o velho ocupante. Tudo está muito clean e reformado. Menos o corredor das celas. Ali, a luz baixa e o som de canções da década de 1960 e 1970 ajudam a tornar o ambiente mais sombrio.

As celas em si são um espetáculo da tristeza. Janelas caindo aos pedaços, junto com portas jurássicas.

No meio, um pilar, que provavelmente era usado como “tronco” pelos agentes. Banheiro e o que restou do banho de sol (a maioria das celas e do espaço de sol foram demolidos nos anos 80). Um clima deprimente realçado por anotações de presos políticos nas paredes.

Nessa hora, comecei a pensar em algo surreal: “E se essas portas falassem? Essas celas?” Já que os arquivos da ditadura continuam proibidos ou foram destruídos. E os agentes da repressão ainda vivos nada falam e se escondem como os “subversivos” de outra época. Por quê? É um mistério sem fim.

Na saída, vejo fotos da época em que o Dops era um orgulho nacional. Uma época de extremismos. Ou tudo ou nada. Ou amigo ou inimigo. Era amar ou deixar. Me despeço do belo prédio com fotos. Ele não tem culpa. Foi projetado para ser a sede da Railway Sorocabana. E quantas pessoas não passam por ele e apenas o acham mais um desses “mausoléus” da cidade?

A vida continua. Mendigos dormem, bebem e xingam. Motoristas apressados. Cortiços por todos os lados. Dobro a esquina e vejo a Luz.

.

E aquela réplica do Big Ben londrino. Ela está sempre lá,
jogando luz em direção ao Largo General Osório, 66. O DOPS.

Joga bola, jogador – Artigo

(09/03/2009)

Sem dúvida nenhuma, ele foi o Pelé da minha geração (e da dele também), o grande ídolo. Lembro-me dele em 1993/1994 tocando o terror no Cruzeiro. Depois do tetra, foi para a Europa e aí foi só alegria. Mas vieram as frustrações, as contusões. Tal qual uma fênix ressuscitou em 2002 para nos trazer o penta. E nova queda. Nova lesão e novos escândalos.

Confesso que, no fim do ano passado, quando foi anunciada a contratação de Ronaldo pelo Corinthians desdenhei e achei que era apenas uma ação de marketing. Boa para ambos. O Timão, pois estava acabando de subir novamente para a 1ª divisão e para Ronaldo, que fora de campos aparecia nas páginas dos jornais pelos seus escândalos particulares.

Depois de muito treino, uma recuperação lenta (e que ainda está em curso), o Fenômeno voltou aos gramados. Sempre jogando a metade final do 2º tempo. E sua estrela brilhou justo na hora que precisava brilhar. Palmeiras X Corinthians, o clássico dos clássicos paulistas.

Nos acréscimos e buscando o empate, um escanteio, bola na área e ela vai para a cabeça de Ronaldo, tal qual um objeto atraído por um ímã. Cabeceio e gol! O jogo está empatado. O eterno número 9 marca seu primeiro gol pelo Timão e justo em cima do aqui-rival.

Ele mudou a história do jogo, se tornou assunto nacional e provou, mais uma vez, que é um predestinado. Que sabe jogar bola. Que é diferenciado. Dane-se a vida pessoal do cara.

E que venham mais jogadas geniais. Só me resta dizer: “Joga bola, jogador! Joga!”

80 anos da Diva – Artigo

(10/03/2009)

Os 80 anos de Hebe Camargo completados no domingo, 8, (por coincidência ou destino ela nasceu no Dia Internacional da Mulher) foram e serão ultra comemorados. Pela aniversariante, pelos amigos, pela imprensa e pelo povo em geral. Da mesma forma que é impossível dissociar Pelé de futebol, não conseguimos separar Hebe de televisão.

Ela é definitivamente o rosto da gerigonça. No ar, desde o dia da inauguração passando por quase todas as emissoras, ela é nossa grife. A melhor e apresentadora da TV Brasileira. Todas seguem seu estilo, suas ideias e seu formato.

Mas Hebe é mais que isso. Ela representa a metamorfose da mulher brasileira e mundial. A apresentadora passou por diversos acontecimentos da sociedade e ajudou a quebrar barreiras. Pós Guerra, direitos igualitários, mercado de trabalho, revolução feminista e tudo mais que as mulheres conquistaram e vem conquistando esses anos todos.

Hebe Camargo é nosso ícone maior feminino. Adoro-a. E sonho em entrevistá-la, ou ao menos, conhecê-la. É a cara de um Brasil que vai sempre mudando. Não, é? Gracinha!

30 anos de um mistério sem fim – Artigo

(14/05/2009)

O primeiro de maio de 1979 já era diferente dos anteriores. Era o primeiro em anos sem o AI-5, no ABC metalúrgicos em greve desafiavam os militares. O Brasil era governador há poucos meses por João Figueiredo, o último dos presidentes militares e São Paulo estava há 2 meses sob o comando de Paulo Maluf, candidato que venceu as eleições contra a vontade de Brasília.

No epicentro disso tudo estava a abertura política. O fim das perseguições, a anistia “ampla geral e irrestrita”. O país já não era o mesmo do começo da década e em mais um sinal que as coisas estavam mudando foi que no mesmo 1º. de maio morria em circunstâncias estranhas e mal explicadas até hoje, afogado nos mares de Ilhabela, o delegado e então diretor do DEIC Sérgio Paranhos Fleury. Símbolo máximo da tortura e do terror dos anos de chumbo do país.

DOPS

Fleury fez carreira no temido DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) que era um departamento da polícia civil, como tantos outros. Isso até o golpe de 1964, quando o poder central resolver utilizar os DOPS estaduais para a caça de opositores armados ao regime. Nesse ambiente, pós AI-5, Fleury brilhou. Com sua equipe, liderou o “Esquadrão da Morte” e era o policial que mais mostrava serviço. O que mais prendia, o que mais torturava e também contava com um excelente sistema de informações e informantes.

Contando com o apoio logístico do exército, DOI-CODI e claro com o setor de informações do próprio departamento, comandado por Romeu Tuma. Cooptado pelos militares, Sérgio Fleury era temido e respeitado por todos os escalões de segurança do país. Participando de importantes ações, como as mortes de Marighella e Lamarca, e desfrutando do convívio e dos segredos do alto poder do país. Fleury se tornou maior que seus superiores na Polícia Civil de São Paulo e, com a fama, criou vários inimigos.

A IDA PRO DEIC; A LIGAÇÃO TUMA-FLEURY

Acusado frequentemente e em dezenas de processos sobre mortos políticos ou bandidos comuns, o Dr. Fleury sempre era inocentado das acusações. Ninguém tinha coragem de prender o “Papa” (apelido do delegado no meio policial-militar), mas mesmo assim as notícias sobre seus indiciamentos pipocavam a toda hora e constrangiam a cúpula da segurança paulista naquele 1977 em que se aspiravam as primeiras mudanças no cenário político.

Por causa disso e também por atritos com outros policiais, Sérgio Fleury foi promovido a diretor do DEIC (Departamento Estadual de Investigações Criminais), saindo da linha de frente do DOPS e também das denúncias de torturas. No velho prédio da General Osório assume como diretor o delegado Romeu Tuma, que comandaria o departamento até sua extinção em 1983. Tuma e Fleury eram amigos – inimigos íntimos. Eram jovens e ascenderam à classe especial (o topo da carreira) de forma veloz. Fleury era o homem de operações e Tuma o das investigações e informações.

Duelavam o tempo todo para obter o maior respeito e o comando do DOPS. Ao que tudo indica, o hoje Senador ganhou a disputa. Pois se tornou diretor do departamento, cargo que Fleury ambicionara, mas só exerceria no Deic. Romeu Tuma é um túmulo quando se fala da sua passagem pelo DOPS.

Nunca se viu nenhuma declaração dele. Parece que apagou essa passagem de sua memória. A um pedido de entrevista sobre o assunto e sua amizade com Fleury, o senador foi enfático: “Não falarei, por motivo de agenda”. Uma pena. Tuma deve saber muita coisa daquela época.

A TENTATIVA DE LIMPEZA DE IMAGEM ; A MORTE OBSCURA

Livre dos comunistas do DOPS e notando a mudança dos tempos, o delegado resolveu mudar a sua imagem. De truculento e torturador para um policial ágil, eficiente e principalmente: Produtor de resultados (e dessa vez sem tortura).

Durante os anos na frente do Deic, Fleury e sua equipe desvendaram miraculosos sequestros, penderam assaltantes perigosos

e aumentou – e muito – a produtividade da delegacia. Estava tentando mudar sua imagem, mas talvez era tarde demais.

Na madrugada de 1/05/1979 Fleury estava em sua lancha e resolveu atravessar para a lancha de um amigo quando tropeçou, caiu e morreu afogado. Estranho, já que Fleury sabia nadar e muito bem. Além disso, por ordens superiores não se pôde fazer a autópsia no corpo do delegado. Era afogamento e pronto.

Aos 45 anos morria um dos mais famosos homens do país. Seu enterro, em São Paulo, teve honras de estado, com direito ao governador Maluf e o diretor do DOPS Romeu Tuma carregando o caixão do falecido. Salva de tiros e pronto. Estava enterrado e , ao mesmo tempo, criado outro mistério dos anos militares e que dura até hoje.

TEORIAS CONSPIRATÓRIAS

Desde então as teorias mais diversas povoam o noticiário e o imaginário popular.

Envenenamento, tiro e outras coisas mirabolantes são levantadas. Fleury tinha muitos inimigos, naqueles tempos de abertura política não seria vantajoso para os militares manter um homem tão ligado à tortura vivo e com poder. Pode ser? Pode. Mas dificilmente sairemos dessa versão oficial.

A maioria dos envolvidos na época já morreram e levaram com eles os segredos dos porões, os que estão vivos não falam. Parecem querer levar para o túmulo o que sabem. Em um país que tem medo de lida com seu passado recente, isso até que é normal. A pergunta a se fazer é: E quantos Fleurys por aí não existiram? Quantos ainda estão vivos e não desconfiamos de seu passado?

O chefe do DOPS deixou-se colar sua imagem com o que havia de pior na ditadura militar. As prisões, as torturas e os porões. Com essa imagem, dificilmente o delegado escaparia daquela época. Como não escapou. Mais esperto foi Tuma e alguns outros que nunca tiveram fama nenhuma e hoje são bem vistos pela população.

Oportunismo Político – Artigo

(21/05/2009)

Dilma Rousseff, 62 anos, é a “dama de ferro” do governo Lula. No início era ministra das Minas e Energia, depois em 2005, com a queda de José Dirceu, assumiu o poderoso Ministério da Casa Civil. Na prática é a segunda figura da república. Atrás apenas do próprio presidente da república que decidiu lançá-la candidata à sua sucessão ano que vem.

Desde então, Dilma vem sendo super exposta a fim de se tornar mais conhecida do eleitorado. Em abril, a ministra assumiu ter tirado um nódulo da axila esquerda e que passará por tratamento quimioterápico a fim de evitar um câncer linfático. As chances de cura são de 90%.

A PÉSSIMA ABORDAGEM DA IMPRENSA

Como provável candidata a presidente e ministra de um governo popular, Dilma é uma pessoa pública e é mais que natural que a população se preocupe em saber há quantas anda a saúde da ministra.

Porém não contentes em noticiar, alguns meios de comunicação começaram a “analisar” sem nenhuma cautela os efeitos da doença de Dilma e suas consequências nas eleições presidenciais.

As hipóteses vão desde afastamento temporário do governo até a loucura do 3o. mandato presidencial, uma vez que com Dilma “não podendo se candidatar” não restaria outra opção.

O que me incomoda é o fato de politizarem o estado de saúde de uma pessoa. Antes de Dilma ser ministra, política, candidata e petista, ela é um ser humano. E como qual deve ser respeitado. É de extremo oportunismo e falta de senso o que acontece ultimamente no Brasil. Tudo acaba tendo um viés político.

Mais uma vez louvo aqui o governador de São Paulo José Serra. Potencial adversário de Dilma em 2010, quando foi questionado sobre as consequências eleitorais do câncer da ministra, Serra foi enfático. “Acho de mal gosto e desrespeitoso misturarmos eleição com problemas de saúde”. Assino embaixo.

Guerra a vista – Artigo

(28/08/2009)

No início da TV brasileira, os apresentadores pioneiros foram se estabelecendo em dias e horários e transformavam aquelas datas em feudos. Havia meio que um pacto de não concorrência. Assim sendo, os sábados eram de Chacrinha, os dias de semana á noite eram das novelas, os domingos a noite de Hebe, terças Flávio Cavalcanti e domingo das 11h às 20h de Sílvio Santos.

Não havia concorrentes diretos, apenas esporádicos. Na década de 70 tudo começou a mudar. Primeiro, foi Chacrinha e Flávio Cavalcanti se digladiando nos domingos a noite, para entrar na briga a Globo criou o Fantástico. Vieram Bolinha, Raul Gil, Trapalhães, Faustão etc. Mas de alguma forma o feudo dominical de Sílvio Santos continuava. Seja com ele mesmo ou com aquele quer fora chamado de seu sucessor, Gugu Liberato.

Isso tudo é passado. Com o crescimento de outras emissoras, novas atrações sendo criadas e a ida de Gugu para a Record, criou-se uma verdadeira celeuma nos antes calmos domingos da TV Brasileira.

O primeiro round veremos nesse domingo. Ao mesmo tempo no ar teremos Gugu estreando em sua nova casa, o tradicional Fantástico (que provavelmente vai vir com o caso Belchior) e o mais tradicional ainda Sílvio Santos se auto escalando para o embate com o ex-funcionário. Somando a isso, ainda temos o Pânico na TV, que também dá bons índices de audiência no horário.

A participação de Sílvio Santos na peleja é uma incógnita. Pode ser que ele não dê as caras, pode ser que apresente seu programa ao vivo ou até – quem sabe – uma surpresa qualquer. Vindo de SS, pode-se esperar tudo. Meu palpite? Torço pro Sílvio levar, mas acho que Gugu vence. É a estreia dele. A curiosidade de vê-lo pela primeira vez na história fora do SBT (que ele leva e sempre levará carimbado na testa) será grande. Mas depois esfriará.

O negócio vai ser parada dura, briga de foice mesmo. Um horário e dia que era um dos mais calmos e pacíficos da TV, desde a época de Sílvio Santos na Globo, agora é um dos mais aguerridos.

Vai, Cauby! – Jornalismo

(28/08/2009)

Em um Brasil antigo onde as tecnologias eram escassas e precárias e a televisão era algo que nascia cara, para poucos e de forma bem amadora, o rádio era o principal meio de comunicação do país. As senhoras se emocionavam ouvindo radionovelas, os de mais idade ouviam casos policiais no estilo “O crime não compensa” e todos, sem exceção escutavam atentos os concursos de calouros e os grandes astros da música. Estávamos no final da era de ouro do rádio, final da Era Vargas e começo dos anos JK, década de 1950, nessa época o maior ídolo do Brasil respondia pela alcunha de Cauby Peixoto, o cantor.

Quando a primeira geração de cantores do rádio se foi ou se aposentou surgiu uma nova e derradeira turma de cantores. Entre outros: Dick Farney, Tito Madi, Milton, Inez Maria, Marlene, Emilinha e Cauby Peixoto. O niteroiense com pinta de galã arrancava suspiros com canções boleradas e com voz empostada, (bem ao estilo da época) como: “Ave Maria dos Namorados”, “Blue Gardenia” e a eterna “Conceição”, seu hino nacional.

Ainda nos anos 50, uma rapaziada boa praça da zona sul carioca, resolveu misturar Jazz com samba e criou a Bossa Nova, um pouquinho mais tarde Roberto Carlos e sua turma surgiram mandando tudo para o inferno e se intitulando a “Jovem Guarda”. Cauby e cia, faziam parte da velha guarda, segundo essa teoria e caíram do pedestal do sucesso. O que vem depois é história ou ainda está sendo escrito.

Nosso Ron Coby foi pros EUA fazer sucesso tal qual uma Carmem Miranda, parte 2. Voltou atendendo a pedidos, flertou com o rock, cha cha cha e com a nova geração no estupendo disco “Cauby Cauby”. Pois bem. A Bossa e a Guarda, que eram novas e jovens, ficaram velhas e ultrapassadas. Tudo mudou e nada mudou para Cauby. Artistas explodiram, caíram e até morreram. Movimentos vieram e foram embora. Ele está aí. Com seu terno impecável, seu brilho e sua voz. Cauby é nosso Sinatra. O nosso primeiro caso de marketing, o primeiro superstar, o primeiro e inigualável astro de nossa música. Cauby Peixoto é como aquele santo mais valioso de nosso altar. A gente vê, agradece e reverencia.

Ir a um show dele é como ir num baile de gala no Copacabana Palace nos anos 50 ou a um cabaré qualquer da Avenida São João nos velhos tempos. O repertório é impecável, a luz, a presença em cena e o magnetismo do artista então nem se fala. Cauby é qualidade e glamour.

O eterno interprete de “Conceição” e “Bastidores” é bem mais que o cantor dessas duas canções. Deveria ser mais reconhecido e endeusado. Eu só posso terminar esse texto dando um salve e um pedido, assim como ele faz nos shows, antes de soltar o vozeirão em um refrão qualquer: Vai, Cauby! Continua a arrasar os corações e a zelar por nossa música que anda cambaleando.

.

O Gugu é Coisa Nossa – Opinião

(01/09/2009)

Um dos momentos mais esperados dos últimos tempos na TV aconteceu ontem. Me perdoe o clichê, mas ele é necessário. Como disse em um post passado foi-se um tempo em que o domingo era um terreno calmo na TV, pois mais minado o campo ficou a partir deste último.

A estreia de Eliana no SBT foi boa. Programa muito bem produzido, criativo e com pautas interessantes. Deu bons índices à emissora e é isso que podemos esperar de Eliana. O mesmo programa da Record com aquele toque “SBT” nos programas de auditório que só a emissora de Sílvio Santos consegue dar. É inexplicável. Ninguém consegue fazer programas nesse formato como o SBT, nem mesmo o maior aluno da escola e agora, funcionário dos bispos, Gugu Liberato.

Esta estreia sim, merece uma análise maior. Era a atração mais esperada. Como Gugu, criatura, pupilo e sucessor do maior apresentador de todos os tempos da TV iria se sair, pela primeira vez em longos 35 anos de carreira fora de “casa”?

Bem, ele se saiu como se ainda estivesse comandando o “Viva a Noite” ou o “Domingo Legal”, ou seja, se saiu competente como ele o é mesmo. Em um começo nervoso, como há muito não se via, Gugu nos trouxe as mesmas atrações de sempre, mas sem aquele calor humano, aquela – sem ser pejorativo – breguice, aquele cheiro de povo, que o SBT coloca em seus programas e os faz ficarem tão bons.

Os mesmos quadros, as mesmas surpresas e uma tentativa da Record de criar um fato nacional, com a estreia de seu novo contratado, ao instalar diversos telões em cidades do Brasil. Teve até um momento flashback oitentista da velha TVS com Wagner Montes parabenizando Gugu pela estreia.

Quanto ao embate criador e criatura, nenhuma surpresa. A criatura ganhou e bonito. Soma-se o fato de ser o primeiro programa e a curiosidade ser altíssima com o porém que o criador veio com um programa gravado e, sinceramente, um dos mais chatos dessa série. Dizem que Sílvio ficou gripado e teve que cancelar suas gravações, por isso que não trouxe nenhuma novidade neste domingo.

Comenta-se que já se recuperou e virá com surpresas. É bom se não quiser perder de novo.

Gugu não trouxe nada de novo, mas acredito que seu programa fará o sucesso que sempre fez. Ele é carismático e – querendo ou não – é o grande aluno e sucessor da escola Sílvio Santos.

Continuará sendo sempre, assim como ostentará o resto da vida um carimbo bem grande escrito SBT em sua testa. 35 anos não são esquecidos assim. Gugu saiu do SBT, mas o SBT não saiu dele.

Governo internauta – Política

(01/09/2009)

Entrou no ar nessa segunda-feira, o Blog do Planalto (<http://blog.planalto.gov.br/>) e o canal no youtube da Presidência da República. Dois produtos excelentes de mídia e também como estratégia política. Com o crescimento e a consolidação gigantescos da internet, é mais do que natural que empresas e governos queiram se aproximar de todas as formas de seu público.

O governo federal, além de manter seu portal atualizado e rico em detalhes, sai da seara técnica (excessivamente presente em seus sites) e vai “a campo” na internet com certo atraso. Primeiro foi o Blog da Petrobras, criado na rabeira da CPI contra a empresa. Depois com seu próprio blog, canal no youtube e – dizem – uma conta no twitter. O objetivo dessas ferramentas é estreitar laços com a população.

Apoio totalmente a criação desses aplicativos pelo governo. É muito bem vindo. O blog é muito bem feito e com notícias de relevância. Mas se preparem para as críticas da grande imprensa.

Se com o blog da Petrobras, eles já chiaram, imagina com um complexo de ferramentas populares nas vésperas de uma eleição e com um presidente quase endeusado pelo povo? É tudo que não querem. Seria hipócrita se dissesse, que o blog não vai ser político. Infelizmente será. Infelizmente não se aplicará a questão da impessoalidade. Lula e Dilma aparecerão exaustivamente. É da cultura do brasileiro misturar as coisas e é esse o calcanhar de aquiles que a oposição e a grande mídia vão bater. Espero estar bem errado e que o governo acerte o passo.

Precisamos estar cada vez mais conectados e a internet é excelente ferramenta para divulgação e transparência. Veja o caso Obama, por exemplo: Muito de sua vitória, se deveu ao uso total da internet através de redes sociais e blogs. Longa vida ao Blog do Planalto. Ele é um instrumento necessário.

PS: Aproveito aqui para parabenizar todos os políticos que criaram sua conta no Twitter. Acho de extrema valia também.

Orgulho de ser corinthiano – Crônica

(02/09/2009)

É muito difícil explicar a minha relação com o futebol. Não gosto dele. Pelo menos como a maioria do Brasil gosta. Como religião, em que se mata ou morre em nome de um time ou deixar a vida girar em torno de uma bola e de 22 jogadores. Desse jeito não. Já gostei assim quando criança e por razões que merecem um outro texto deixei de gostar.

Hoje eu idolatro o futebol como patrimônio cultural brasileiro. Nosso povo sofrido tem nele uma das poucas válvulas de escape. É uma das únicas coisas que comove, motiva, une e reúne as pessoas por um ideal seja ver uma pelada na várzea ou a final de copa do mundo. Uma dessas reminiscências da infância é o meu time de coração.

Escrete esse que responde pelo nome de Sport Club Corinthians Paulista, que nessa terça-feira fez 99 anos. Um idoso na porta do centenário.

Sou corinthiano desde 1991, com 07 anos. Ser torcedor do timão é algo inexplicável. É como ser picado por uma mosca azul ou ver um passarinho verde. É a maior torcida do Brasil ao lado do Flamengo (acho que é a maior hein!).

É um fenômeno, cara de São Paulo e de seu povo. Um time que conquista suas glórias sempre com suor e raça, fazendo assim a comemoração e a festa serem maiores.

Em cada cantinho da cidade existe um bar que lá na parede, do lado das bebidas, tem um pôster de um plantel de qualquer época do Corinthians. É o título de 1977, são os brasileiros, os paulistas, as copas do Brasil, a rixa linda com o Palmeiras e principalmente os torcedores. Não temos estádio, mas de que importa? Nós temos gaviões a sobrevoar cada ponto do Brasil, quiçá do mundo, sempre pousando nos estádios e transformando os jogos em um palco artístico maior.

Hoje me emocionei ao parar em um semáforo e diversas meninas e trajando camisetas com a inscrição: “O centenário vem aí” (ou algo do tipo) tremulavam bandeiras com a mesma frase. Não me contive e declarei meu apoio e disse: “Estou de Preto e Branco também, em homenagem ao Timão”.

Fiquei realmente orgulhoso de poder participar e torcer não para um time.

Mas para uma manifestação cultural genuína de nosso país. Eu tenho muito orgulho de fazer parte dessa nação corinthiana. O Corinthians desperta amor ou ódio.

Não tem meio termo. Poucas coisas conseguem isso no Brasil. Lembro-me de cabeça apenas do Lula e do PT. Isso é sinal que é forte. Forte demais pra passar despercebido. Sorry, Santos, São Paulo e até o Palmeiras.

Vocês têm torcedores e times, nós temos amantes e uma instituição.

Hoje tem feira – Crônica

(10/09/2009)

Uma das coisas mais brasileiras que existam é a feira-livre. Ou simplesmente feira. Aquele evento que fecha a rua dos bairros por um dia qualquer da semana e a transforma em uma passarela de legumes, vegetais, pastéis e conserto de panelas. Quem nunca foi em uma feira que atire à primeira pedra. Ela é mais que um ir às compras é um exercício de socialização.

As pessoas se conhecem de longa data, se cruzam na barraca das frutas e depois voltam a se encontrar escolhendo o melhor pé de alface, sempre pechinchando com o verdureiro um bom desconto na compra. O feirante, bom amigo que é, acaba cedendo às vezes para os conhecidos.

E por falar neles, já viram o espetáculo que é a chegada da feira? Parece um circo chegando. Começa de madrugada. Chegam os caminhões, as pessoas e lá vão eles armando a barraca silenciosamente para não acordar a futura freguesia antes da hora. Quando o sol se põe, tudo está lá, prontinho para o melhor atendimento possível.

A feira emana calor humano. Por isso não é em todo lugar do mundo que temos feiras. No Brasil, o país da hospitalidade, temos o campo fértil para uma conversa de comadres sobre o melhor cacho de bananas ou o peixeiro gritando que “moça bonita não paga, mas também não leva”. E por falar em humanos, temos os personagens de toda a nossa sociedade em amostragens em uma feira. São os aposentados usando a feira pra se distrair, a dondoca do bairro que resolveu ir contrariada, o nosso povo estampando um sorriso apesar de tudo e – infelizmente – temos crianças e adultos pedintes atrás da xepa ou de alguém que lhe pague um pastel.

Aliás, se você for à feira e não parar na barraca do japonês e comer um pastel com garapa, você não foi até lá. E pode falar o que quiser, comer onde quiser. Pastel que nem o da feira não há em lugar algum do mundo. Eu falo por experiência própria. Já comi em restaurantes, lanchonetes e até tentei em fazer em casa. Nada chega perto.

Saboreando seu pastel de queijo, sempre vai chegar perto um cachorro de rua abanando o rabo e te olhando com cara de pidão. Onde tem muita comida existem famintos dispostos a se saciar e como na feira há muito alimento, os caninos estão lá.

Escória da sociedade dos cães, sempre há um vagando entre as barracas caçando a melhor verdura desperdiçada no chão, ou então, tirando a barriga da miséria se saboreando com a xepa. Já está chegando perto do meio-dia, os verdadeiros frequentadores de feira já foram embora.

Afinal, como já dizia sua avó, tem que se ir nela “bem cedinho” pra pegar “tudo fresco”. Agora, as promoções ficam mais comuns e logo virá a xepa. O que restou. O que todo mundo colocou a mão mas não quis. E nessa hora briga o cachorro, o mendigo e até um eventual muquirana esperançoso em economizar alguns centavos no orçamento da semana. As barracas estão sendo desmontadas, os feirantes vão embora e lá se acabou mais uma.

Não podemos deixar ela acabar. Vida longuíssima à feira! Um patrimônio cultural.

Eis R7 – Artgo

(28/9/2009)

Depois de um grande estardalhaço e com toda pompa necessária, a Record lançou hoje seu portal de notícias. O R7. Idealizado há meses e contando com profissionais vindos dos mais variados portais brasileiros, o site foi criado com o claro intuito de concorrer com o G1 da Globo. Pensado em ser uma mega fonte de informações, o R7 completa seu objetivo em partes. Sim, pois parece que a ânsia de preencher o site criou uma simbiose desnecessária com a TV Record. Por exemplo: Temos lá, blogs e sessões que não fariam falta, como as páginas de Théo Becker, Dado Dolabella e Gugu Liberato.

Além disso, se dá destaque para notícias frias que de certa forma só interessa a quem assiste a emissora dos bispos. Na página de cultura o destaque hoje era para o namoro entre o apresentador Geraldo Luis e a atriz Franciely Freduzeski, ambos contratados da Record.

Se eles usaram o site da Globo como exemplo, viram que lá a simbiose não existe nesta forma. O G1 é uma coisa e a página da Rede Globo outra. Do jeito que está, parece um house- organ do grupo. Acredito que com o tempo isso diminua.

Visualmente falando o site usa as cores do IG com a disponibilidade de editorias e fotos do G1. Não possui ainda identidade própria, além de ter uma home bem poluída. Mas é um trabalho bem feito, com profissionais competentes.

O R7 tem tudo para ser um sucesso, é só ter um bom comando editorial e não cair na tentação de usar o site como manobra para divulgação de coisas interessantes à Record e à Igreja Universal em detrimento do bom jornalismo. Esta foi a minha primeira impressão do mais novo portal brasileiro, mas só poderemos avaliá-lo com o tempo. Quando eles começarem a pegar o ritmo, como se comportam em um acontecimento factual e esporádico etc.

Por enquanto, na avaliação inicial, o R7 passou. Em prol de oportunidades de trabalho para jornalistas e mudanças na internet, ele foi aprovado. Raspando, mas passou.

Lista, listados e leitores – Artigo

(11/10/2009)

Publicar uma revista no Brasil é complicado. Tem que se pagar, buscar o público alvo e não cair em clichês e em tribos. Aliás publicar qualquer coisa por essas bandas é difícil. Nós não temos o hábito da leitura, portanto, as coisas ficam definidas nos mesmos nichos e padrões de sempre. Este é o caso das publicações de música. E a Rolling Stone consegue ser e não ser um exemplo disso.

Ela é de vanguarda e ousada quando faz matérias variadas com cunho social e político, como por exemplo, suas análises eleitorais, entrevistas com personalidades e reportagens expondo conflitos sociais nas diversas regiões do país. Ou então quando descobre talentos nos mais variados ritmos do país, não somente restrito ao pop-rock de sempre.

Mas repete os mais manjados e cansativos clichês em algumas partes do pedaço musical da revista. A publicação cumpre bem o seu papel de noticiar o mainstream e o cenário alternativo que os pseudo-intelectuais tanto gostam. Logo, uma tribo. Também louva os que sempre são louvados pela imprensa especializada e dissemina através de artigos um certo preconceito com o popular. Clichê.

Toda mídia “especializada” tem suas premiações e ranking onde, por força de seu público, alguns acabam acreditando que dão a palavra final sobre determinado assunto. Melhor do ano, melhor filme, melhor ator etc. E a Rolling Stone brasileira não foge á regra. No ano passado, nos presenteou com a lista dos 100 maiores artistas da MPB e esse ano acabou de lançar na sua edição de outubro a lista das 100 maiores músicas brasileiras. É tarefa difícil por algumas questões.

Entre elas: Primeiro, como mesclar os clássicos de diferentes épocas com as músicas atuais? Segundo, sempre vai haver um esquecido, um injusto ou um super valorizado. E nessa lista não é diferente. Eu, por exemplo, acho justo “Construção” estar no topo do ranking, mas não acho que “Águas de Março” seja a 2ª e “Mas Que Nada” a 5ª enquanto “Detalhes” e “Alegria, Alegria”, ocupem a 8ª e a 10ª posição respectivamente ou então que Racionais MC, Chico Science e Los Hermanos tenham músicas na lista enquanto um cara como Gonzaguinha não tenha emplacado nenhuma.

Sim, críticas vão chover á essa lista, como choveram e choverão em outras. O problema é a nossa estúpida mania em levá-las como verdade absoluta. Perdeu-se o sentido original que é o seguinte: Esta lista (ou essa premiação) é dos melhores na NOSSA opinião e/ou na dos críticos consultados. No fundo, como esses rankings são levados muito a sério, a imprensa resolve criá-los de vez em quando com esse intuito mesmo, que é o de gerar polêmica, holofotes e vendas.

E você, caro leitor, assim como eu, cai na jogada de marketing. Não gostou da lista ou da premiação? Em vez de esbravejar, aproveite o incentivo e monte uma com seu gosto. É bem vindo.

Trem da Saudade – Relato Pessoal

(14/10/2009)

Hoje não seria um bom dia para escrever aqui. Mas não posso deixar a má sensação invadir e tomar o meu ser. É preciso ter a gana de sempre ir em frente, mesmo quando as coisas não conspiram a favor. Afinal, eu estou aqui e continuarei. Isso tudo passará. O carro, os zeros a menos na conta e o ócio. O que fica até quando Deus quiser sou eu e você com nossos defeitos e qualidades. Mais qualidades.

Bem, e por isso mesmo o post de hoje é algo deveras autoral e melancólico. Vou tratar de saudade e de como os locais nos trazem cenas, cheiros, vozes e lembranças de uma época que passou e não volta mais. Hoje foi um dia desses em dose tripla. Três situações diferentes que me fizeram perceber que o tempo não para e nós vamos envelhecendo dia após dia.

Primeira parada, 11 da manhã, no Jardim Colonial, Bairro Assunção, em São Bernardo. Fui a trabalho numa rua paralela àquela em que ficava a casa de minha avó. Praticamente cresci ali. Ficava lá o dia inteiro, enquanto meus pais trabalhavam. A casa dos meus falecidos parentes não existe mais. Deu lugar a outra maior e mais moderna.

Outras residências mudaram. A escola em que estudei dois anos ainda está lá e por mais que as coisas tenham mudado, para mim nada mudou. O mesmo ar bucólico, o mesmo paralelepípedo e a saudade que me sufoca. Esse tempo não voltará. Os protagonistas já não estão aqui e os que ainda estão, mudaram. É a minha lembrança que recria tudo: As caminhadas até a escola, as voltas de bicicleta e o café da tarde com garoa lá fora. Velhos tempos.

Próxima parada é no Bairro Demarchi, também a trabalho, bem pertinho da onde vivi por quase 4 anos. A escola também estava lá, assim como o jardim mal cuidado em frente ao prédio. A quadra, o parquinho de diversões. Só as pessoas que são diferentes. Não vi ninguém a não ser na minha mente. Amiguinhos que por lá deixei e que devem estar na batalha tal qual eu.

Por onde será que anda a dona Bel, a Mônica e o Ícaro? Essas pessoas sequer lembram que um dia eu cruzei a vida delas. E as tardes de domingo em que eu passava jogando futebol sozinho na garagem do prédio despertando a ira dos dorminhocos vizinhos? Isso continua fresco na memória e olha que lá se vão quase 20 anos.

O ponto final do trem da saudade é a universidade. Ah, a universidade! Não faz tanto tempo assim que abandonei aqueles bancos brancos na entrada do prédio D, mas a saudade é sufocante igual. No caminho pra São Caetano, as imagens já vem à mente como vultos. Amores, desamores, amizades, ensino e muita história pra contar. Não é segredo pra ninguém que adoro o ambiente escolar. E lá parece que o tempo parou. O cenário é o mesmo. Algumas pessoas ainda batem cartão lá, como alguns professores e funcionários que lembram de mim como se tivéssemos nos visto ontem.

Mas faz tempo. Fui embora, sem vontade. E começo a pensar em alguns de meus colegas, nas diversas situações que passei e nos diversos porres que eu tomei naqueles bares. Tudo isso passou. A vida segue seu ritmo. Temos que nos acostumar, mas como diz aquela canção do Roberto. “Essas recordações me matam”.

Na poeira do passado – Artigo

(15/10/2009)

O Brasil é um país sem história, já dizia o ditado popular e nas artes isso parece se refletir. É muito trabalhoso e difícil resgatarmos a história de nosso cinema, teatro, rádio e televisão. Os primórdios da nossa TV, por exemplo, não existem mais.

No começo tudo era feito ao vivo e o pouco produzido em película evaporou literalmente em incêndios mal explicados ocorridos na década de 1960 e 1970.

O fogo e o reaproveitamento insaciável de fitas foram responsáveis pelo sumiço da maioria dos arquivos das emissoras nessa época também. Da mesma forma, que o Big Ben é um mistério da humanidade. Para os fãs de TV e de sua história, o paradeiro das fitas de Sílvio Santos na Globo ou do programa “Jovem Guarda” na Record são mistérios sem fim aparente. Uma pena.

Desse assunto já escrevi e existe bastante material escrito por aí, o que não se comenta muito é sobre os estúdios lendários das emissoras de TV. Como andam? Existem? A resposta é desanimadora.

Examinemos alguns casos. Por exemplo, o Teatro Record, palco dos festivais da MPB e de programas como “O Show em Si...monal”, “Hebe” e o próprio “Jovem Guarda”. O local, que na verdade eram dois, viraram pó e não existem mais. O Teatro Record Centro virou estacionamento enquanto o endereço da Consolação após virar cinzas em um incêndio deu lugar a um comércio. Um pouco mais de sorte teve a antiga sede da emissora, na Avenida Miruna. O prédio original continua lá, mas apenas um pedaço dele. Uma parte foi transformada em estacionamento pelos próprios bispos, já proprietários da emissora.

Por falar na Igreja Universal, ela é a atual dona de um endereço muito badalado nos anos 70 e 80, situado no Bixiga, mais precisamente na Brigadeiro Luiz Antônio. Falo do antigo Teatro Bandeirantes, palco de grandes shows de MPB e programas de TV da emissora de mesmo nome. Tenho minhas dúvidas se o que existe é a construção original ou se foi reconstruído. Abandonado nos anos 80, o prédio antes local de bom som e entretenimento hoje vive o entoar dos louvores e o tilintar dos dízimos.

Religiosos também ocupam o lendário endereço da Rua Dona Santa Veloso , na Vila Guilherme. Ali funcionou duas emissoras importantes em épocas diferentes. A Excelsior, nos anos 60, e o SBT na década de 1980. Construído como o maior centro de TV do Brasil (e assim o foi até 1990, quando da inauguração dos estúdios da Manchete no Rio), o espaço foi abandonado e vendido pelo SBT no final da década passada para uma igreja evangélica assim que inaugurou seu moderno Complexo Anhanguera. Completamente deformado, o local não lembra em nada o glamour de outras épocas.

Quem foi preterido por uma construção moderna também foi a antiga sede da Globo paulista, na Rua das Palmeiras. Neste caso, apenas a televisão saiu de lá, as rádios continuam em um pedaço do complexo. Mas o espaço aonde funcionava a emissora de TV está completamente abandonado, inclusive o estúdio onde foi gravado programas como “Moacyr TV” e a fase global de Sílvio Santos. Aquilo está jogado às traças.

Ainda falando na Vênus Platinada, o histórico Teatro Fênix no Rio deu lugar a um condomínio residencial, assim que foi inaugurado o Projac.

.

É triste constatar, mas o local em que foi gravado clássicos como “Chacrinha”, “Domingão do Faustão” e “Os Trapalhões” não existe mais.

Nem tudo é perdido nessa área. Os restos mortais da pioneira Tupi tiveram um pouco mais de sorte e hoje dão vida à MTV. O prédio do Sumaré não é o mesmo da época da inauguração da emissora de Chatô. Foi reconstruído nos anos 70. Mas cultiva em sua fachada um desenho indígena e as disposições originais do prédio.

Outro mito que ainda sobrevive é o antigo Teatro Silvio Santos, no Carandiru. Cenário dos programas de auditório do homem do baú ainda no período pré-SBT e depois de toda a trupe da emissora, o prédio é usado esporadicamente pela rede em seleções para programas. Na maior parte do tempo, vive fechado. Em conversa uma vez com uma funcionária do SBT a mesma resumiu o estado do local: “Dá medo de tão vazio”. Mas aos trancos, ele ainda está lá.

E assim a história de nossa TV e das artes em geral é feita. Locais “sagrados”, históricos e pioneiros, foram descartados. Não se teve o cuidado de pensar na preservação de nada que não seja do interesse imediato. Uma pena.

Ficam apenas as lembranças e raras fotos de uma época em que as coisas eram feitas com raça, amor e profissionalismo. Esses locais hoje não recebem artistas e espetáculos, se existirem, sujeitam a abrigar carros e cultos.

O dia que não existiu – Crônica

(16/10/2009)

Maria Antônia saiu de casa e ao pegar o ônibus como faz religiosamente todos os dias notou que algo estava diferente. O motorista parou a condução no local exato, sem molhar sua roupa e pasta de trabalho. O fato era tão estranho que ela não se furtou em perguntar ao cobrador o que havia acontecido com o bronco condutor: “Ele mudou. Está assim agora”, disse o rapaz.

Chegando à escola, as portas se abriram como se fosse para uma princesa passar. Café tomado, anotações das lições do dia feitas e lá vai Maria Antônia para a sala de aula encarar mais um dia. Ela já planejara e se preparara psicologicamente para as agressões de sempre, a falta de atenção, o desrespeito e a bagunça habituais. É o jeito. Dentro dela bate um coração vermelho de paixão por isso. E não importa nada disso e muito menos a falta de compensação.

Hoje estava com cara de ser um dia diferente e realmente o foi. Não houve brincadeiras e abusos, mas sim respeito, atenção e pedidos de “Quero Mais!”

quando a aula terminou ao invés de um grito de “Finalmente”, o que se ouviu foi um “Que Pena!” e retumbantes aplausos. Antônia estranhou, mas seguiu o dia. E foi assim sucessivamente. Houve até quem a cumprimentasse efusivamente e trouxesse lembranças. Com isso, ela se revigorou. Sentiu que nada estava perdido, ou melhor, que ainda havia luz no fim do túnel. Se sentiu valorizada.

No mesmo dia – e coincidentemente – ela recebeu seu salário. Já preparada para a tristeza mensal. Ao abrir, se surpreendeu com o carinho também de seu patrão. Aí foi correr para o abraço. O céu ficou mais bonito, as pessoas começaram a sorrir, a vida havia melhorado. A volta pra casa foi tranquila. Ao chegar, o marido a recepcionou com flores e beijos. Antônia estava extasiada. Feliz mesmo. Nunca pensara que ser professora seria tão gratificante assim. Em seu coração isso sempre foi, mas enfim era reconhecida. Parecia um sonho...

E de repente o despertador toca. 6 e meia da manhã. Ela se troca, sai de casa e espera a condução. O ônibus chega e para há poucos metros do ponto, jogando fumaça e lama em todos. Não parecia, era realmente um sonho.

Mas não só de Antônia, mas de todos os brasileiros decentes. O de uma vida melhor, de reconhecimento e mais respeito e tolerância. Feliz Dia do Professor.

“Ô Terezinha, é um barato o filme do Chacrinha” –

Opinião (03/11/2009)

Hoje foi feriado e daqueles bem diferentes. No dia 2 de novembro geralmente se faz frio e chuva. Acredito que seja o clima preferido dos homenageados do dia. Os finados. Aqueles que estão em outra, foram dessa pra melhor. Pois nesse segundo dia de novembro de 2009 fez-se um calor infernal, um sol lindo e um céu impecável. Aproveitei e fui ao cinema assistir “Alô Alô Terezinha”, documentário sobre Abelardo Barbosa, o Chacrinha, um dos maiores nomes da história de nossa TV.

Na companhia de 4 gatos pingados que “lotavam” a sala do cinema testemunhei o trabalho de Nelson Hoineff (o criador do fodástico Documento Especial) e posso lhes dizer que não é uma obra em definitivo sobre Chacrinha. Talvez a ideia dos produtores nem tenha sido essa. O documentário ao meu ver é uma homenagem e uma releitura dos programas do Velho Guerreiro (principalmente os da fase Globo) e não dele em si.

As grandes estrelas de “Alô Alô Terezinha” são (como não poderiam deixar de ser) as chacretes, De diferentes épocas. Desde aquelas da época da Globo e da Tupi nos anos 70 até as últimas nos anos 80.

.

Essas mulheres são mais um retrato do Brasil. A maioria está mal de vida, vive na periferia e em nada lembra o glamour daquela época.

O filme não explora o lado social delas, portanto, não dá para saber o que as levou para essa situação, mas nenhuma esboça qualquer tipo de arrependimento de fazer parte daquele programa e do imaginário coletivo dos homens que hoje são nossos pais e avôs.

Chacrinha era o termômetro do sucesso. Tocar lá era a glória. Roberto Carlos, Gil, Caetano, Magal, Jerry, Gretchen e toda aquela galerinha dos anos 80 que o diga. E temos no filme os depoimentos dos cantores e também dos calouros. Figuras à parte do programa, uns até hoje – passados 25, 30 anos – ainda sonham humildemente com o estrelato em suas casas na periferia.

O lado ruim da produção é o roteiro bagunçado. Falta “liga”, fio condutor. Quiseram colocar muitas coisas e não souberam conectar. Outro ponto fraco é a precariedade da qualidade das imagens. Quase tudo veio do acervo pessoal da família do Chacrinha ou de colecionadores como meu amigo José Marques Neto.

Pelo que sei, inexistente arquivo dos programas do animador nas emissoras. Pouquíssima coisa sobrou na Globo, Bandeirantes e Tupi. Coisa de horas. É assim que tratamos a história de nossa TV e – consequentemente – de nossa arte.

O documentário acerta ao não centrar em temas polêmicos como a bizarrice do caso “Seu Sete da Lira” no começo dos anos 70, ou as denúncias de jabá e de testes do sofá protagonizadas em por pessoas próximas ao animador. Quando se trata alguma coisa mais séria, se faz de forma superficial e sutil.

O filme tenta passar a imagem e o clima do “Cassino do Chacrinha”. Alegre, pra cima, divertido e desencanado. Não é um retrato definitivo do homenageado. É um esboço. Um ângulo. Que venham mais e mais documentários. O maior acerto de “Alô Alô Terezinha” é ser brasileiro. Mostrar a alma de nosso povo, nossa cara, nossa alma, nossos problemas e tudo isso através de um dos maiores comunicadores de nossa TV.

Não. Não comparem-o com Sílvio Santos ou com quaisquer outros. Não temos porquê comparar gênios.

Eu tenho minha opinião e todos sabem. Mas agora não é hora disso. É hora de se inspirar no Chacrinha e sair buzinando e balançando a pança. Como eu estava dizendo, hoje fez um baita sol no dia dos finados. Vai ver o Velho Guerreiro é que hoje comandou a massa e deu as ordens no terreiro de São Pedro.

Digníssima senhora – Crônica

(01/12/2009)

Depois de algumas semanas sem passar por lá, hoje fui na minha avenida preferida. Não só minha, mas da maioria dos paulistanos. Falo do nosso cartão postal, a Avenida Paulista. Esse endereço tem algo que não sei explicar. Seja na loucura do dia ou nas luzes noturnas, ela encanta de alguma maneira. A acho linda. Sim, ela não passa de uma avenida recheada de arranha-céus. Mas São Paulo é o quê? Ou pelo menos a sua imagem. A Paulista é o nosso Pão de Açúcar, o nosso Farol da Barra, o nosso Planalto Central...

E hoje andando pelas suas calçadas e admirando seus prédios cheguei a uma conclusão: A avenida está envelhecendo. É uma senhora. Olhe ao redor. Aqueles semáforos pretos enormes, as placas, os prédios comerciais e uns poucos residenciais que ainda permanecem.

Tudo isso está ficando velho. Os edifícios empresariais foram construídos nos anos 60 e 70, os residenciais há mais tempo ainda. É só comparar com os imponentes arranha-céus da Faria Lima ou da Berrini.

Modernos, vidros espelhados e outras tecnologias. Mas nenhuma dessas avenidas tem e nunca terão o charme da Paulista. É impossível.

Só quem já fez um happy hour nela sabe o que eu estou falando. Só quem ficava e fica deslumbrado em andar lá. Só quem já trabalhou com a vista para aquele turbilhão de carros e pessoas sabe o que é isso. Confesso, que não sei qual é meu sentimento em ver a minha querida Paulista envelhecendo.

O que me deixa triste é a trocarem lá na frente pelas avenidas chochas de Moema, Brooklin ou Jardins. Ou até que seja bom, pois aí ela ficará mais bonita e bucólica. O que sei é que andar por ela me faz bem. Sinto-me um turista dentro de minha própria cidade.

Mestre da Brasilidade – Opinião

(02/12/2009)

Existem artistas que são a cara de seu tempo. O jeito de falar, a cultura, as peculiaridades e a identificação com o povo são alguns dos determinantes para que alguém seja tão marcado pela sua proximidade com o senso geral. E Renato Aragão, ou melhor, Didi Mocó é um desses “rostos” do Brasil e um dos maiores humoristas do mundo.

Por essas bandas parece que temos a idiota mania de criticar quem faz sucesso, quem tem talento. Vejam as críticas que chovem ao Pelé (outra cara do Brasil), por exemplo, e com o Didi não é diferente. O que mais ouço falar é que ele é arrogante, prepotente, “aparecido” e outras baboseiras.

Um desses mitos é que Renato ganhava mais que os outros trapalhões na divisão financeira dos filmes. Um tanto quanto óbvio, afinal, os filmes eram produzidos por ele e – evidentemente – ele investia mais grana que os outros. Quem investe mais, espera um retorno maior. É a lógica do sistema. Parece que é proibido fazer sucesso nesse país.

Mas deixemos esses aspectos deprimentes de lado, vamos falar de porquê o criador do Didi é a cara do Brasil, o fenômeno cultural dos Trapalhões e sua influência em nossa sociedade. Renato e seu parceiro Dedé são parceiros desde o começo dos anos 60. Fizeram juntos diversos humorísticos no conceito do humor pastelão e circense. TV Excelsior, TV Record e em 1974 já com Mussum e com o recém – incorporado Zacarias vão para a Rede Tupi. A partir daí, com a formação clássica, “Os Trapalhões” explodem de sucesso e ameaçam a poderosa Globo e seu Fantástico.

Em 1976, com a saída de Sílvio Santos do domingo global, a emissora resolve mudar sua grade dominical e contrata o quarteto para fazer um programa às 19h. A partir daí até 1990 (com a morte de Zacarias) e 1994 (com o falecimento de Mussum), é sucesso explosivo e história das boas.

É comum quem viveu a infância nos anos 70 e 80 contar que as crianças ao ouvir os acordes iniciais da música de abertura do programa largavam correndo o que estavam fazendo para grudarem-se na frente da TV e rirem com as aventuras de Didi, Dedé, Mussum e Zacarias.

Não somente eles, mas toda a família. No dia seguinte, não se falava de outra coisa no escritório ou na escola que não fosse as trapalhadas da turma.

Os bordões criador por Aragão caíram e até hoje vivem na boca do povo. Duvida, psit? Ô da poltrona, caiu um negócio ali. Cuma? Foi só um chiste? Ai que audácia da pilombeta! Esses e muitos outros são falados até hoje nos cantos desse país, além do gesto matreiro de levantar as sobrancelhas e rir com um ar malandro passando a mão entre os lábios.

Didi é o perfeito brasileiro médio. Malandro, meio folgado, mulherengo e querendo levar vantagem sempre, tem um coração bom, solidário e carismático. No fundo só quer vencer na vida. É esse paradoxo que o faz ser o rosto cuspidado e escarrado da nossa sociedade. Quantos Didis não existem por aí? Ele é um sucesso porque as pessoas se identificam com ele. Está próximo de suas realidades.

Falei na TV, mas e o cinema? Simplesmente dos 10 filmes nacionais mais vistos da história do cinema, metade são dos Trapalhões. Eram lançados dois filmes por ano. Um nas férias de janeiro e outro nas de julho. Paravam o país. Filas quilométricas de famílias para assistirem a uma produção 100% nacional e sem financiamento público ou da Globo, como se imagina.

E quantas crianças não tiveram suas histórias marcadas pelos saltimbancos nas minas do rei Salomão ou viram o garimpo de Serra Pelada na Terra dos Monstros? Poderiam ser filmes de qualidade técnica duvidosa, mas iam fundo na alma e na brasilidade. São clássicos eternos.

Não desmerecendo ninguém, mas Renato é o cérebro criador de tudo isso. É, junto com seus amigos trapalhões, um ícone pop brasileiro do século XX. Merecia ser mais respeitado e reverenciado por seu papel fundamental nas artes brasileiras, por sua dedicação ao humor e pelo seu enorme dom e talento.

Aproveitem! Ele ainda está aí, fazendo seu programa dominical e entre nós. Depois que a pessoa está ausente fica fácil elogiá-la.

Observando – Crônica

(08/12/2009)

Pegue um ônibus, um metrô, saia na rua e ande pela multidão. Note o olhar daquelas pessoas. As rugas e as expressões. O que se tem por trás daqueles rostos cansados, abatidos ou que disfarçam um aperto na alma com um sorriso vagabundo? Privilegiados que sou acho que consegui identificar o meu dom profissional. E o descobri cedo ainda, com 12 anos.

E essas pessoas, não os tem?

É claro que sim.

Às vezes na luta diária pelo pão de cada dia sequer pensam nisso e passam a vida inteira se adaptando e sendo avaliada em qualquer profissão que lhes valha uns trocados no fim do mês e não descubrem o que se sabe fazer de melhor. Nós pudemos correr atrás, tentar de alguma forma.

E até agora, o que houve? Para mim não houve nada. Eu trabalho em qualquer coisa para me manter e sacio meu lado jornalista escrevendo neste blog, mas sem nunca deixar de sonhar. Eu vou conseguir.

Mas e essas pessoas? Solicitas, mal ou bem humoradas, frustradas ou não.

Elas continuam se pendurando nos ônibus da cidade. Com sua bolsa cheia de contas e marmitta. Levando a vida no papo sem entrar em paranoia ou em discussões herméticas como a gente.

Ouçã o que eles falam. A história, o porquê de estarem ali. Cada ser humano dá um romance. Uma novela. Histórias riquíssimas. Deus é o maior dramaturgo de todos, mas é um tanto repetitivo no final de suas personagens. Elas sempre morrem no final. Vivem melhor elas ou nós? Não sei, apenas as admiro.

O ano em que ressuscitamos Simonal - Opinião

(10/12/2009)

Wilson Simonal parece finalmente ter sido “anistiado” por crimes que talvez nem cometeu. Após 9 anos de sua morte por complicações do alcoolismo e quase três décadas de ostracismo o cantor é estrela de um documentário digno, viu sua fase áurea ser relançada em CD e foi homenageado por diversos artistas da atualidade em um show-tributo. Tudo isso com a benção da grande imprensa que antes o evitava. Simona voltou a ser in e inunda as baladas e os fones de uma molecada que nunca tinha o escutado. Eu inclusive.

Simonal cometeu o erro de ser um negro que nascera pobre e se tornou o artista mais bem sucedido do Brasil nos anos 60 atrás apenas de Roberto Carlos. Tivemos outros ídolos “de cor”(como se dizia na época) com bastante sucesso. Pelé e Jorge Ben, por exemplo, mas o cantor de “Nem Vem que Não Tem” era audacioso. Desfilava com carrões, loiras e era saborosamente abusado. Para a sociedade conservadora da época, ele estava em um local que não podia. Aquele assento era de um branco e não de um “crioulo”...

Inovando e cada vez mais arrebatando multidões, o cantor tropeçou em si próprio e nas suas proximidades com a ditadura militar. Além de gravar odes ao “país grande” dos milicos, como “País Tropical” e a péssima “Brasil, eu fico” (duas composições de Jorge Ben, diga-se) o artista tinha ou alegava ter muitas amizades entre os agentes do governo e uns desses “amigos” teriam espancado seu ex-contador acusado de desvio de dinheiro. Os colegas eram do DOPS carioca e o contador está vivo até hoje e nega que teria roubado Simonal.

A partir daí o nosso maior one-man show se tornou uma figura leprosa, evitado e vetado por toda a imprensa e público. Em total ostracismo, Wilson Simonal caiu em depressão e no alcoolismo. Vivia com shows sofríveis e cambaleando de saúde, até morrer em 2000. Ele nunca havia sido perdoado. Num país que anistiou diversos seres que mereciam a cadeia, o maior cantor do país ao lado do Rei e dono de um repertório fenomenal era condenado a pena perpétua e a ser riscado do mapa da MPB.

Como já disse, nesse 2009 parece que finalmente o libertamos e podemos ouvir Simonal numa boa, pelo contrário, não sei como perdi tanto tempo sem conhecer a obra musical maravilhosa desse cantor com C maiúsculo. Nessa sexta mesmo, a Globo (justo ela que VETOU e foi grande responsável pelo seu ostracismo) exibirá um show em homenagem ao astro. Ele merece todos os nossos aplausos. O Brasil como um todo está pedindo desculpas a Wilson Simonal. Pena que hipocritamente o faça quando ele já não está aqui.

Eu não. Eu ouço suas músicas e o admiro sem culpa nenhuma, quando ele desapareceu eu não era nem nascido e quando ele morreu eu não passava dos 15 anos. Tô anistiado de pedir anistia. Dá-lhe Simona!

Só a fama de mau – Crítica

(29/12/2009)

O tremendão lançou a poucas semanas seu livro de memórias com o título de um de seus grandes clássicos. “Minha Fama de Mau” é acima de tudo uma obra em que Erasmo Carlos relata passagens marcantes de sua vida e de sua carreira com pitadas de bom humor e detalhes bacanas para quem o curte e quer saber mais sobre a história daquela turma genial da Tijuca (Erasmo, Roberto, Ben, Simonal e Tim Maia) ou então mais contos da carreira e da dupla maior de amigos-compositores do Brasil. Claro que falo dele e do Rei.

O texto é leve, bem humorado e fiel ao estilo do autor. Em um determinado momento até pensamos que é o próprio Erasmo quem escreve o livro, tamanha a fidelidade do “ghost writer”. O tremendão conta os fatos sem prejudicar ninguém e nem revelar “podres” alheios, todas as revelações e bastidores que temos ali são do próprio cantor. Os artistas e pessoas citadas servem apenas para ilustrar as histórias. Portanto, esqueça se você quer saber algum podre “do Roberto”, ou de alguma outra figura.

No livro inteiro Erasmo cita com devoção sua ex-mulher Narinha (que se suicidou em 1995), é um amor bonito. O tremendão aí é só ternura, que também são reservadas para Wanderlea, Roberto Carlos, Jorge Ben e principalmente para Tim Maia. É nítida que a amizade dos dois era muito forte, coisa de infância mesmo, só não digo que é mais que a dele com RC porque o Brasil é testemunha desse amor recíproco.

Bebidas, drogas e sexo são abundantes em determinado período do livro. Mas na vida de quem isso não era abundante nos anos 60 e 70? Erasmo não fugiu à regra. Evidente que eu recomendo “Minha Fama de Mau”, para sabermos e reverenciarmos mais sobre esses caras que revolucionaram a música brasileira. Oh, bendita geração que nasceu nos anos 40.

Erasmo era só um menino pobre, cheio de problemas, que tinha um sonho, cresceu e foi aproveitar a vida e tudo que ela proporciona. Um vencedor, um mito. O coautor de músicas que estão em nosso subconsciente há décadas. Quanto a fama dele de ser “mau”? Relaxe. É só a fama mesmo, no fundo ele é uma criança e não entende nada.
